O PRÍNCIPE DOS POETAS LÍRICOS LATINOS: O ELOGIO A HORÁCIO NA *ARTE POÉTICA* DE CÂNDIDO LUSITANO

Talita Lima Caires
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0005-9526-8062
Endereço Eletrônico: 202320114@uesb.edu.br

Halysson Frankleynyelly Dias Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2698-5034
Endereço Eletrônico: halysson.acadêmico@gmail.com

Palavras-chave: auctoritas; Cândido Lusitano; Horácio; louvor; preceptiva poética.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa sobre a recepção de autoridades latinas na preceptiva poética portuguesa do século XVIII. Como parte de um estudo cujo escopo é o estudo da recepção da poesia de Horácio como modelo poético na preceptiva portuguesa do século XVIII, especialmente no que diz respeito à poesia lírica, o presente trabalho tem por objetivo estudar o elogio do poeta latino feito por Cândido Lusitano em sua *Arte Poética* (1759).

O estudo se fundamenta nos trabalhos de Bobes et al (1998), Castro (2008), Hansen (2013), Rebelo (1982), Teixeira (1999), considerando suas respectivas contribuições para a compreensão da antiga instituição retórica, das práticas retóricas e poéticas do século XVIII, das especificidades da cultura letrada portuguesa setecentista e da preceptiva poética do período.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido mediante o levantamento de menções elogiosas a Horácio na segunda edição da *Arte Poética ou Regras da Verdadeira Poesia em Geral e de*

Todas as Suas Espécies Principais de Francisco José Freire (1759). Em seguida, os epítetos elogiosos atribuídos pelo tratadista português ao poeta romano serão considerados em seus respectivos contextos e discutidos como um recurso ao qual o preceptista recorre para reafirmar a *auctoritas* de Horário na *Arte Poética* de Cândido Lusitano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Horácio foi recebido na preceptiva portuguesa do século como autoridade doutrinária, um "autor teórico", no sentido antigo do termo, e como modelo poético, ou como um "autor prático" entre os séculos XVI e XVIII, sendo um dos autores antigos mais valorizados na imitação poética e na produção de discursos preceptivos sobre a arte poética (Berrio; Calvo, 1999; Bobes et al., 1998). O autor latino foi prestigiado como poeta e, à semelhança de Aristóteles, como uma das mais destacadas autoridades normativas de arte poética na cultura letrada portuguesa do século XVIII. Sua poesia foi amplamente emulada, celebrada e traduzida em Portugal no decorrer do século XVIII (Castro, 2008; Rebelo, 1982; Teixeira, 1999).

Geralmente associado ao gênero lírico, Horácio está entre os poetas mais citados por Cândido Lusitano (Freire, 1759). São vários os epítetos empregados por Francisco José Freire para se referir a Horácio em sua *Arte Poética*.

Nesse sentido, na própria dedicatória da *Arte Poética* a Sebastião José de Carvalho e Melo, ao solicitar a benevolência do ministro de D. José I, Cândido Lusitano aponta Horácio como "o grande Lírico Latino", como exemplo de poeta que, no tempo de Augusto, contou com a proteção de Mecenas. Comparando o ministro com Mecenas e, consequentemente, colocando-se na mesma condição de Horácio, espera receber o "mesmo benévolo amparo". Vê-se, então, que esse epíteto demonstra a admiração do preceptista pelo poeta latino e antecipa o tratamento que o poeta latino receberá ao longo do tratado do preceptista português.

Além desse epíteto, há inúmeras outras alcunhas através das quais Freire (1759) enaltece Horácio. A exemplo do livro inicial da *Arte Poética*, quando, ao falar da origem e da essência da poesia, Cândido Lusitano ancora-se nas palavras de Horácio e o denomina como "o Principe dos Líricos Latinos" (Freire, 1759, p. 5) a fim de constatar que os pastores, de modo incipiente, inventaram a poesia. Reafirma, então, a magnitude do poeta e de sua reputação, considerando-o como o maior entre os poetas líricos latinos. Nas páginas

seguintes, ao abordar os estilos dos escritores antigos e seus respectivos modelos poéticos anteriores, Cândido Lusitano refere-se a Horácio como "o maior imitador da Lírica Grega" (Freire, 1759, p. 14), atribuindo-o à figura de Píndaro, grande poeta da lírica grega e que serve de exemplo para demonstrar a grandeza da arte de Horácio, a qual nenhum outro poeta latino pode ser comparado na lírica.

Além do mais, no Livro I, capítulo XXI, Freire (1759) aborda a capacidade do poeta de criar relações novas com os objetos de sua poesia, ou seja, o poeta é capaz de estabelecer ligações, ainda que remotas, entre os elementos e os temas diversos nas suas produções. Para isso, Cândido Lusitano reitera a grandeza de Horácio, apontando-o como "Mestre tão insigne na teórica, como na prática" (Freire, 1759, p. 159) ao considerar o poeta como exemplo maior dessa capacidade engenhosa, mencionando a "Ode 13" do poeta lírico, reiterando que Horácio não só foi parâmetro para a própria produção poética, mas também o foi ao tratar do fazer poético.

Está também Horácio, reconhecido por Cândido Lusitano no Livro I, capítulo XXV, entre as "relíquias da majestade Latina", ao lado de grandes nomes como Cícero, Lívio, Catullo e Virgílio, atribuindo a esses grandes nomes "engenhos excelentes" e pouca severidade (Freire, 1759, p. 191).

Curiosamente, no Livro III, Tomo II da *Arte Poética*, apesar de considerar Horácio como "insigne", Freire refere-se a algumas críticas feitas ao poeta e parece concordar com elas na medida em que apontavam ser as sátiras horacianas pouco métricas e mais prosaicas (Freire, 1759, p. 253). Desse modo, mesmo afirmando novamente a excelência de Horácio por meio do epíteto "insigne", não deixa de apontar as críticas que lhe foram dirigidas.

Em paralelo, ao contrastar figuras da lírica grega e tecer juízos sobre os poetas líricos, especificamente no capítulo XX do Livro III, Tomo II, vemos os epítetos e elogios a Horácio a exemplo de "juiz tão competente em toda a matéria"; além de enaltecer Horácio como sendo "o Píndaro de Itália", ou seja, Horácio é a figura ilustre da língua latina, honrando-a com sua poesia lírica, tendo ele a mesma grandeza de Píndaro em relação à poesia lírica grega. Para afirmar isso com mais firmeza, ancora-se em Quintiliano, que considera Horácio como excelente na arte de observar e descrever os costumes dos homens (Freire, 1759, p. 266). De tal modo, Cândido Lusitano ratifica a superioridade de Horácio ao mencionar que os preceitos dele são ideais e capazes de promover bom gosto naqueles que os leem, apelidando-o também como "verdadeiro Epicureo" (Freire, 1759, p. 267).

Como se pode notar, considerando vários dos epítetos elogiosos atribuídos a Horácio por Cândido Lusitano, os quais repõem lugares comuns recorrentes na preceptiva poética dos séculos XVI, XVII e XVIII, o preceptista português reitera a imagem virtuosa do poeta latino e, por extensão, de sua poesia.

Assim, por meio do uso do gênero epidítico, reafirma a autoridade poética do poeta latino. Como propõe Hansen (2013, p. 30), "No gênero epidítico ou demonstrativo, arte de elogiar e vituperar pessoas, coisas e eventos do presente, a nação, a pátria, os bens (males) do corpo, como a beleza e a feiura; os bens (males) do ânimo ou da alma, como as virtudes e os vícios". Vemos que a declaração de Hansen acerca do gênero epidídico pode ser relacionada ao louvor a Horácio produzido por Cândido Lusitano na sua *Arte Poética*. Ao atribuir elogios a Horácio e apontá-lo como poeta por excelência, o preceptista português posiciona-o como figura basilar para a arte da poesia como um todo, garantindo que Horácio seja o modelo através do qual a poesia possa se fazer verdadeiramente bela e excelente, evitando os vícios e sendo ornada de virtudes.

CONCLUSÕES

Em sua *Arte Poética*, Cândido Lusitano enaltece a poesia de Horácio como exemplar para a prescrição poética. Tece elogios ao poeta e, assim, reafirma sua autoridade e promove sua memória poética. Isso também para garantir que, através desse modelo firmemente estabelecido, na invenção poética se evitem os vícios, com o intuito de alcançar a perfeição na poesia.

Dessa forma, Cândido Lusitano, com seu louvor a poetas como Horácio, busca garantir que os poetas do presente não percam de vista os bons atributos e virtudes das produções artísticas antigas, para que a memória do grande poeta lírico não seja esquecida e para que suas qualidades como poeta e como autoridade doutrinária sejam assaz imitadas no fazer poético.

REFERÊNCIAS

BERRIO, Antonio García; CALVO, Javier Huerta. **Los géneros literarios**: sistema e historia (una introducción). Madrid: Cátedra, 1999.

BOBES, Carmen et al. **Historia de la teoría literaria II**: Transmissores, Edad Media, Poéticas Classicistas. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

CASTRO, Aníbal Pinto de. **Retórica e teorização literária em Portugal**: do humanismo ao neoclassicismo. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

FREIRE, Francisco José. **Arte Poética ou Regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas espécies principais, tratadas com juízo crítico**. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1759. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Arte_Poetica_Ou_Regras_Da_Verdadeira_Po e/m1JKAAAAcAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=francisco+jos%C3%A9+freire+arte+po%C3%A9tica&printsec=front cover. Acesso em 13/06/2026.

GUERRERO, Gustavo. **Teorías de la lírica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

HANSEN, João Adolfo. Instituição Retórica, Técnica Retórica, Discurso. In. **Matraga Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**. v. 20, p. 17-18, 2013. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/19759/14255. Acesso em 13/06/2026.

REBELO, Luís de Sousa. **A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TEIXEIRA, Ivan. **Mecenato pombalino e poesia neoclássica**: Basílio da Gama e a Poética do Encômio. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1999.